



ISSN: 2230-9926

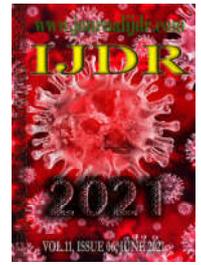
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 06, pp. 47800-47804, June, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.22124.06.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

SUCCESSÃO NA GESTÃO DO AGRONEGÓCIO: ESTUDO MULTICASO ENTRE AGRICULTORES FAMILIARES

Marcos Tadeu Simões Piacentini*¹, Juliano de Oliveira Silva¹, Lucélia Largura do Vale¹, Ademir Luiz Vidigal Filho¹, Cleberon Eller Loose¹ and Alexandre Leonardo Simões Piacentini²

¹Universidade Federal do Rondônia, Campus Professor Francisco Gonçalves Quiles, Cacoal, Rondônia, Brasil

²Universidade Federal do Rondônia, Campus de Rolim de Moura, Rolim de Moura, Rondônia, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 16th March, 2021

Received in revised form

05th April, 2021

Accepted 26th May, 2021

Published online 26th June, 2021

Key Words:

Successão Rural. Agricultura Familiar. Agronegócio. Administração rural.

*Corresponding author:

Marcos Tadeu Simões Piacentini,

ABSTRACT

A continuidade das atividades agrícolas por meio da sucessão é importante para a consolidação da agricultura familiar, diminuição do êxodo rural e produção de alimentos. Esse trabalho descreve um estudo realizado junto a produtores rurais, inseridos no contexto da agricultura familiar do município de Cacoal, no estado brasileiro de Rondônia, cujo objetivo foi analisar a importância da sucessão para a continuidade do negócio, sob a ótica dos gestores rurais. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e método dedutivo. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram: revisão bibliográfica e formulário semiestruturado, composto por 20 questões. Os participantes da pesquisa foram produtores rurais, os quais eram cooperados na Cooperacacoal, uma cooperativa agropecuária de agricultores familiares de Cacoal. A amostra foi formada por 26 produtores. Os resultados revelam que os gestores entendem que o processo sucessório é importante para a continuidade das atividades do empreendimento e consequentemente, o fortalecimento da agricultura familiar. Contudo, verifica-se certa contradição, uma vez que, pouco tem sido feito para que esse processo sucessório ocorra de forma satisfatória. Recomenda trabalhar mais o planejamento da sucessão, para que essa troca de gerência não venha impactar de forma negativa o progresso da atividade.

Copyright © 2021, Janaina Gaia Ribeiro Dias et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Marcos Tadeu Simões Piacentini, Juliano de Oliveira Silva, Lucélia Largura do Vale, Ademir Luiz Vidigal Filho, Cleberon Eller Loose and Alexandre Leonardo Simões Piacentini. 2021. "Sucessão na gestão do agronegócio: estudo multicaso entre agricultores familiares", *International Journal of Development Research*, 11, (06), 47800-47804.

INTRODUCTION

A produção de alimentos é uma questão prioritária quando o assunto é a subsistência da humanidade. Nesse contexto, ganha relevância o agronegócio, carro chefe da balança comercial do país nesses últimos anos, e como parte desse amplo cenário insere-se a agricultura familiar. Devido à transcorrência do tempo, as atividades do campo deixaram de ser motivadas apenas pela necessidade de produzir alimentos para consumo da família e assumiu um novo papel, podendo assim, ser entendida como uma oportuna opção geradora de renda. Como a demanda por alimento cresce gradativamente, aumentar a produção, assim como, manter a continuidade das atividades da agricultura familiar, é quase uma condição necessária para sustentação dos pilares da economia do país. Essa continuidade das atividades mencionadas depende, quase que exclusivamente, do êxito no processo sucessório. A esse respeito, uma pesquisa elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2017), concluiu que 95% das empresas brasileiras são familiares e que 65% do Produto Interno Bruto - PIB são oriundos dos resultados de suas atividades.

Outro dado revelado pela pesquisa demonstra que, grande parte dessas empresas, extingue-se quando passadas da segunda para terceira geração (FERREIRA, 2017). Há muitos anos, observa-se a ocorrência de uma evasão das pessoas da área rural para a urbana, o chamado êxodo rural. Tal feito, no decorrer do tempo, vem aumentando gradativamente e afetando a continuidade nas atividades agrícolas e, por conseguinte, enfraquecendo a agricultura familiar e o agronegócio como um todo. Um dos motivos de bastante relevância para esse fato é que cada vez mais jovens saem do campo e vão morar em centros urbanos almejando melhores oportunidades e qualidade de vida. A busca pelo ideal é contínua, e o esperado é que jovens consigam ver a propriedade como uma empresa que pode ser altamente lucrativa se bem administrada, sendo assim, a única alternativa que justificará a saída do jovem do campo é a busca por tecnologias e informações, que virão incrementar as atividades rurais. Entretanto, o processo de sucessão parece que ainda continua preocupando essa categoria de público. Dado o exposto, a presente pesquisa responderá o seguinte questionamento: Qual a importância da sucessão para a continuidade do negócio na visão dos gestores dos empreendimentos familiares rurais?

A pesquisa traz como objetivo geral analisar a importância da sucessão para a continuidade do negócio na visão dos gestores dos empreendimentos rurais. Para alcançar esse objetivo o estudo definiu como objetivos específicos: descrever a significação e a importância da sucessão sob o ponto de vista dos gestores de empreendimentos rurais; identificar as possíveis estratégias, intencionais ou intuitivas, direcionadas à preparação do processo sucessório e, comparar as informações obtidas através dos gestores participantes da pesquisa.

Este trabalho apresenta ainda uma abordagem teórica acerca da sucessão empresarial, bem como, descreve os processos metodológicos que serão seguidos na realização da pesquisa. Traz como tema central, o processo sucessório no agronegócio, e como delimitação do tema, aborda-se o planejamento do processo de sucessão empresarial na gestão da agricultura familiar no município de Cacoal/RO.

Administração Rural: Em qualquer atividade de cunho econômico, uma boa administração é imprescindível para o sucesso do negócio. No meio rural não é diferente, boas práticas na administração rural é determinante para o desenvolvimento das atividades agrícolas, continuidade do negócio, e conseqüentemente, a obtenção de êxito para o empreendimento. As organizações precisam cada vez mais ampliar sua visão de atuação, e para isso, os gestores precisam estar sempre atentos a tudo que os cerca. As coisas mudaram no mundo dos negócios. Predomina-se a era da informação em o que prevalece é o capital intelectual e não mais o financeiro (CHIAVENATO, 2010). O conhecimento tornou-se mais valioso do que a tradicional moeda escritural. Boas práticas de administração no meio rural auxiliam os produtores a tomarem decisões de forma mais assertiva. Para Crepaldi (2005), a administração rural é o conjunto de atividades que traz facilidades aos produtores rurais nas tomadas de decisões dentro da sua unidade de produção, com a finalidade de obter o melhor resultado econômico e manter a produtividade da terra. A gestão da propriedade rural pode ser definida como sendo todas as decisões tomadas pelo produtor em relação a sua atividade. Contribui com a discussão, Moreira Junior (2017) destacando que a gestão ocorre quando essas ações são feitas de forma organizada visando atingir os objetivos do negócio. Ressalta o autor que é necessário inicialmente fazer o diagnóstico, o qual diz respeito a obter informação e conhecimento do mercado no qual se está inserido. A partir daí, é possível elaborar o planejamento e direcionar o empreendimento na direção desejada.

AGRONEGÓCIO

Os eventos, plantar e colher estão presentes no cotidiano do homem há milhares de anos. No início das civilizações, os homens viviam em grupos, migrando de acordo com a disponibilidade de alimentos que a natureza, espontaneamente lhes oferecia. Não havia criações domésticas, cultivo, armazenagem e muito menos comércio de mercadorias entre povos. Em cada local que um grupo de homens se instalava, pouco tempo depois os recursos naturais, que de início eram encontrados com facilidade se tornavam cada vez mais escassos e distantes, obrigando assim os povos a se mudarem de lugar constantemente, caracterizando-os como nômades (ARAÚJO, 2013). Nesse contexto, a população mundial era mínima, concentrando-se em torno de 4 milhões de pessoas há cerca de 1200 anos (ARAÚJO, 2013). Comparada à população existente apontada por um estudo feito pela ONU em que revela que a população global atual é de 7,6 bilhões de habitantes e deve subir para 8,6 bilhões em 2030 (GUEVANE, 2017). Logo, a natureza tinha condições de fornecer tudo o que aquelas pessoas necessitavam de forma espontânea e abundante. O agronegócio, para Pena (2019) é um termo utilizado para fazer referência ao contexto socioespacial da produção agropecuária, incluindo todos os serviços, técnicas e equipamentos a ela relacionados, direta ou indiretamente. Colaborando, também, e apresentando maior esclarecimento para o termo agronegócio, Auadet *et al.* (2010) destacam que compreende a cadeia produtiva desde a fabricação de insumos, passando pela produção agropecuária e pela transformação até o consumo.

Além da geração de divisas com as exportações, o agronegócio brasileiro desempenha um papel socioeconômico importante na manutenção de emprego, nas mais variadas atividades produtivas. Dada tamanha importância ao seguimento, se faz necessário perceber o impacto que a diminuição da sucessão rural pode trazer para o agronegócio brasileiro, como também pontuar alguns desafios futuros para continuidade das atividades agrícolas (GILIO; RENNÓ, 2018).

Sucessão Familiar: A literatura traz poucos registros sobre o tema sucessão familiar na região norte do país. O objeto é pouco discutido, tanto pelas entidades públicas quanto pelas famílias camponesas. Esse enigma, se não trabalhado, pode ser um gargalo para a continuidade dos empreendimentos do setor. Realçando o exposto, Abramovay (1998) evidencia que enquanto os processos sucessórios não forem objeto de discussões organizadas pelos próprios movimentos sociais no campo, será difícil organizar a política fundiária específica às regiões de predomínio da agricultura familiar. Agregando esclarecimentos ao tema, Moreira Junior e Bortoli Neto (2007) definem sucessão como a transferência do poder do administrador do negócio, para a futura geração constituída pelos herdeiros ou por alguém próximo da família. Contribuem ainda para o tema, Silvestro *et al.* (2001) destacando que o processo sucessório envolve três fases: a transferência do patrimônio, a continuidade da atividade profissional e a saída da atual geração do comando. Mais que um evento, a sucessão é um processo com múltiplos estágios que pode perdurar por muitos anos, que se inicia antes que os sucessores entrem no negócio até a saída do seu sucedido (GERSICK *et al.*, 1997). Ainda é acrescentado pelos autores que a sucessão em empresas familiares representa a continuidade de um negócio entre as gerações de uma mesma família.

A continuidade da organização depende de um alinhamento muito delicado entre família, propriedade e administração. Bernhoeft (1989) contribui com o estudo dizendo que mesmo a propriedade sendo de característica familiar, faz necessário que a família tenha capacidade de compreender que a produção e a geração de receita dependem de todos, porém, a administração será de quem tem as devidas competências para tal função. Há inúmeras indagações a respeito do real motivo do fracasso da continuidade das atividades dos pais que vivem ou viveram das atividades agrárias. Mendonça *et al.* (2008) fazem uma observação apontando que na região sul do país, onde o processo sucessório vem acontecendo há mais de cinco gerações, a transição demográfica, a masculinização, o envelhecimento no campo, as maiores possibilidades de escolarização, a insatisfação com o ganho obtido na agricultura, a penosidade e a imagem negativa do trabalho agrícola têm gerado o esvaziamento do meio rural. Por se tratar de uma decisão difícil, pode também se tornar conflitante. No entendimento de Leone (2005), existe todo um aspecto emocional, pois o sucedido possui o papel de passar o patrimônio, que por muitas vezes levou uma vida inteira para formar, para as próximas gerações. Diante desse conflito emocional, o processo de sucessão pode ocorrer de forma inapropriada, pois o sucedido adia a sua saída acreditando ainda não ser o momento. Mas como o processo sucessório necessita de planejamento e adaptação, apenas a partir do momento em que o sucedido admite a sucessão como sendo um problema a ser resolvido é que o processo pode ser iniciado. Por inúmeras razões apontadas pela literatura até aqui, percebe-se que o processo sucessório é lento e pode demorar anos para acontecer. Nessa linha de raciocínio, Lemos (2018) enriquece a pesquisa destacando quando se faz um sucessor da noite para o dia, ou simplesmente por ter um grau próximo de parentesco de alguém que é produtor. Um sucessor se faz preparando quem tem capacidade e meritocracia. Assim, para que o planejamento de sucessão seja realizado da melhor forma possível, na visão de Antonialli (1998), é necessário que haja envolvimento de todas as partes: sucedido, sucessor, família e empresa, para que todos possam contribuir nesse processo. Portanto, para que o planejamento do processo sucessório nas empresas familiares seja viável, é fundamental para Oliveira (2006), a interação dessas cinco fases, tomando total cuidado em cada uma delas para que se chegue à implementação e consolidação do plano. O exposto evidencia a relevância de se conduzir a sucessão a partir de um processo planejado e contínuo que valorize a preparação

e o aprendizado. Dessa forma, Leone (2005) descreve a importância de que a sucessão não seja aplicada abruptamente, mas por meio de um processo que tenha como pilares o planejamento e a organização, e que o sucessor seja preparado para assumir o cargo, ao mesmo tempo em que o sucedido seja capaz de simplificar esse processo, compartilhando com a família os critérios utilizados para a escolha do sucessor.

METODOLOGIA

No que se refere aos objetivos, a pesquisa teve caráter descritivo, pois, conforme Zamberlan *et al.* (2014), é o tipo de pesquisa que se preocupa em descrever as características de determinada população (agropecuárias), fenômeno (processo sucessório) ou relação entre as variáveis. Quanto à natureza, foi uma pesquisa aplicada e abordagem qualitativa, e método dedutivo, a exemplo do que foi utilizado nas pesquisas desenvolvidas por Loose *et al.* (2019) e Piacentini *et al.* (2019). A coleta dos dados ocorreu utilizando-se da técnica de triangulação de dados, agregando a entrevistas estruturadas, a observação não participante e a análise documental, nos moldes utilizados por Piacentini *et al.* (2020). Os dados empíricos foram levantados por meio de uma entrevista com roteiro semiestruturado aplicado a 26 gestores de propriedades rurais cooperados da Coopercaocal. A entrevista foi gravada em arquivo de áudio para garantir a coleta mais eficiente. Tal método foi utilizado com eficiência por Nascimento *et al.* (2018). Quanto às técnicas para análise de dados, foi utilizada a análise de conteúdo que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo com inferência de conhecimentos referentes às condições de recepção, da forma como foi implementado por Souza *et al.* (2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pautada diretamente na relação de predominância masculina na gestão das propriedades rurais, a pesquisa permitiu reafirmar a veracidade desse dado. Fazendo uma análise das respostas, foi percebido que 96% dos gestores entrevistados são homens, restando apenas, 3,8% desse trabalho sob a responsabilidade feminina. Mendonça *et al.* (2008) apontam algumas variáveis como fator determinante para o esvaziamento do meio rural, e uma dessas variáveis é a verticalização crescente da masculinização na gestão das propriedades. O estudo revelou que, embora, o homem seja apontado como o principal gestor da propriedade, a mulher também se faz bastante presente nesse cenário, pois 87,5% dos entrevistados são casados e segundo relatos no momento da entrevista, a mulher influencia nas tomadas de decisão, restando apenas 8,3% desse público gestor para os solteiros e 4,2% para os divorciados. Uma das grandes preocupações também, a respeito do processo sucessório, é a questão do envelhecimento da população rural sem que haja um preparo de possíveis sucessores para a atividade. De acordo com a pesquisa, a idade média dos entrevistados é de 40 a 60 anos. Portanto, a grande massa de gestores ativos entrevistados, está em transição da fase adulta para a velhice. Em geral, os gestores sucedidos, constroem tamanha identificação com suas propriedades que acabam não conseguindo nem se quer pensar em viver fora delas, ou mesmo entregar a responsabilidade de gestão para a nova geração.

No que tange à realização de algum tipo de atividade relacionada ao processo sucessório, 50% dos participantes responderam que não estão realizando nenhuma atividade voltada para a sucessão do empreendimento. Isso é bastante grave e compromete o processo sucessório. Como já dito por Lemos (2018), não se faz um sucessor da noite para o dia, o processo sucessório ocorre de forma lenta. Só se capacita um bom sucessor preparando-o gradativamente, e o início dessa preparação deve acontecer o quanto antes possível. Os dados apontam que a maioria dos gestores possui um nível de escolaridade baixo, 65% do público pesquisado possui apenas o ensino fundamental incompleto, e isso pode ser um dos motivos pelos quais os filhos acabam deixando o campo para morarem nas cidades em busca de alguma qualificação. Depois de conquistada, essa

qualificação, acabam seguindo outros caminhos, e as propriedades muitas vezes ficam abandonadas por falta de sucessores. A atividade agrícola pode ser percebida pelos jovens como algo rentável, se a propriedade for encarada como uma empresa e receber um tratamento com tal. Os dados levantados possibilitaram identificar que 77% dos participantes afirmaram ter uma renda mensal que varia de R\$ 1000,00 a R\$ 3000,00/mês, outros 15% chegam a ganhar até R\$ 5000,00/mês e apenas 8% responderam ter uma renda de até R\$ 1000,00/mês. Por conseguinte, se o processo sucessório não é concluído com êxito, algum elo foi quebrado ao longo do percurso e dizer que a atividade não é rentável seria um erro.

No critério de satisfação, o estudo revela que 81% dos participantes afirmam que estão satisfeitos com a atividade no campo, apenas 11% se mostraram insatisfeitos e essa insatisfação está relacionada ao preço praticado pelo mercado na compra de seus produtos. A pesquisa aponta que as propriedades de até 12 hectares somadas com as que variam de 12 a 36 ha, somam 65% do total das propriedades. No cenário das propriedades gerenciadas pelos participantes da pesquisa, destaca-se a predominância de terras não muito extensas, característico de agricultura familiar. Mesmo sendo terras relativamente pequenas, exercem um papel fundamental para as famílias dos agricultores, uma vez que 84,6% responderam que acima de três pessoas vivem exclusivamente dos recursos retirados da agricultura e/ou pecuária. Os produtores têm como principal cultivo a cultura do café, mas destacam-se também, propriedades com o cultivo de culturas variadas como a fruticultura, seguido pela pecuária leiteira e pecuária de corte. Levando em consideração o tema principal do estudo, os gestores foram questionados de maneira a responder como estão administrando a questão da sucessão para a gestão das propriedades.

Foi possível observar certo equilíbrio entre as propriedades que têm como gestor apenas o responsável, e aquelas que trabalham com um modelo de gestão compartilhada, em que toda a família participa nas decisões. Essa questão do gerenciamento compartilhado nas propriedades vai ao encontro do planejamento da sucessão familiar, apontado por Gersicket *et al.* (1997), destacando que a sucessão é mais que um simples evento, sendo considerada como um processo com múltiplos estágios que pode perdurar por muitos anos, iniciando antes que os sucessores entrem no negócio até a saída do seu sucedido. Uma das preocupações também foi averiguar se os atuais gestores acreditam que a atividade agrícola é interessante para o futuro dos filhos, e se querem que os filhos sigam a profissão de agricultor. Nesse quesito, 70% dos participantes responderam que sim, queriam que os filhos continuassem a atividade. Isso é bastante importante, pois, se os gestores almejam que os filhos continuem na atividade, isso permitirá que as etapas do processo sucessório apontados por autores como Antonialli (1998), sejam promovidas com antecedência, sendo: o preparo do sucedido, do sucessor, da empresa e da família. Em relação à previsão de alguém assumir a propriedade futuramente, os resultados evidenciados no gráfico 05 não foram animadores.

Foi aferida a expressividade daqueles que só acreditam que alguém irá assumir, mas não fazem ideia de quem será a pessoa que vai dar continuidade ao negócio, 50% dos participantes responderam dessa forma. Apenas 19% afirmaram que têm previsão, inclusive, já foi até definido. Esses últimos estão dentro do que é esperado. Essa atitude de definir o quanto antes quem irá assumir a gestão do negócio evita transtornos futuros e inclusive está dentro dos desafios do processo sucessório apresentado por Ward (2006), pois permite que o bastão de gestor seja passado com o sucedido ainda vivo e ativo evitando com isso perdas na atividade e conflitos familiares. No critério de preparação para o momento da sucessão, 50% mostraram não praticar nenhuma atividade voltada para esse feito, 38,5% responderam que é praticado um trabalho em conjunto com toda a família como uma forma de incentivo para os mais jovens, 11,5% disseram que fomentam a sucessão com incentivo escolar. Metade dos participantes não pratica nenhuma atividade de cunho preparatório para o momento da sucessão, contrariando o exposto por Leone (2005), em que defende a ideia de que esse processo precisa ser planejado, organizado e trabalhado dentro das famílias o quanto antes para evitar

que o processo sucessório ocorra de forma abrupta e inesperada. O estudo detecta que apenas 15% dos participantes entendem que a sucessão pode ocorrer a qualquer momento desde que haja concordância e interesse entre sucessores e sucedidos. Isso mostra que apenas uma minoria está disposta a passar a responsabilidade do gerenciamento da propriedade para um novo membro da família, tornando uma preocupação, remetendo ao pensamento de Leones (2005), quando aponta o processo sucessório como evento emocional que muitas vezes o sucedido adia a sua saída por medo de perder aquilo que foi com muita luta conquistado ao longo dos anos. Referente ao êxodo rural, todos os participantes acreditam que ainda hoje as pessoas estão deixando o meio rural para morar nas cidades. Acreditam que a cada dia a agricultura familiar perde força, terras são vendidas e transformadas em grandes latifúndios, e o que é uma unidade produtora de diversificados produtos primários da cadeia alimentar, se transforma-se em extensos campos verdes utilizados para a pecuária. Com uma representatividade massiva, 65% dos participantes acreditam que esse esvaziamento do campo ocorre, porque as pessoas saem em busca de melhores condições de renda para a família, ou seja, isso mostra que as propriedades rurais, muitas vezes, não são vistas como uma empresa lucrativa, por esse motivo, os empreendimentos rurais acabam não sendo rentáveis a ponto de conseguir manter a família toda no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido às transformações que vêm acontecendo no cenário rural relacionada à migração de pessoas do campo para os centros urbanos, e tendo como base a problemática já vivenciada em outros estados cujo processo de sucessão já acontece por várias gerações, é natural que surja uma preocupação em obter informações de como está essa situação no município de Cacoal-RO. É de extrema importância aferir como essa questão da sucessão na gestão do agronegócio tem sido explorada dentro das famílias que vivem da agricultura familiar. A economia do município, praticamente, é movida por esse setor, isso justifica a importância de trabalhar esse tema juntamente com os gestores rurais e comunidade em geral. Diante dessa realidade, a pesquisa teve por objetivo analisar a importância que os gestores dos empreendimentos rurais têm dado para o processo sucessório como o meio de continuidade das atividades do negócio. A pesquisa revelou que a maioria dos gestores entrevistados desejam que os filhos deem seguimento às atividades da agricultura familiar. Foi constatado na pesquisa que, de acordo com o relatado, os participantes acreditam que o processo sucessório é importante para a continuidade das atividades do empreendimento e fortalecimento da agricultura familiar. Contudo, por meio desse estudo, percebeu-se uma contradição, uma vez que pouco tem sido feito para que esse processo sucessório ocorra de forma satisfatória. Necessita-se trabalhar mais o planejamento da sucessão, para que essa troca de gerência não venha impactar de forma negativa o progresso da atividade. Como limitação para uma pesquisa como essa, pode-se considerar a logística para fazer contato com os produtores devido a distância de algumas propriedades em relação à cidade e dependendo da estação do ano, ainda somam as condições precárias das estradas. Traz ainda como sendo uma limitação a impossibilidade possível de uma automática generalização dos resultados devido à grande quantidade de sujeitos de ser pesquisado. A título de recomendações para futuras pesquisas, sugere-se que se busque informações a respeito do processo de sucessão na agricultura familiar do município em outro momento econômico, ou até mesmo em outros segmentos que não sejam na agricultura familiar, mas que tenham ligação com o agronegócio, como por exemplo, uma investigação a respeito de como está ocorrendo a sucessão nas agroindústrias do município. Isso implicará uma abordagem ainda mais completa sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo (Coord.) *et al.* Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131546porb.pdf>> Acesso em: 24 maio de 2019.
- ANTONIALLI, L. M. Problemas de sucessão e a sobrevivência das empresas familiares. In: Anais do III Seminários em Administração - SEMEAD, 1998, São Paulo. III Seminários em Administração - SEMEAD, 1998. v. 3. p. 1-12.
- ARAÚJO, Massilon J. Fundamentos de agronegócios. 4º ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2013.
- AUAD, Alexander Machado *et al.* Manual de bovinocultura de Leite – Brasília: LK Editora; Belo Horizonte; SENAR-AR/MG; Juiz de Fora; Embrapa Gado de Leite, 2010. 608 p. : il.
- BERNHOFER, Renato. Empresa familiar. São Paulo: Nobel, 1989.
- CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações – 3.ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. Contabilidade rural: uma abordagem seccisorial. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- FERREIRA, Adriana. Sucessão familiar: Um sério problema no agronegócio. Entrevista publ. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vio9ITpOwTU>> Acesso em: 10 mai. 2019.
- GERSICK, Kelin *et al.* De geração para geração – ciclos de vida das empresas familiares. São Paulo: Makron Books, 1997.
- GILIO, Leandro; RENNÓ, Nicole. O crescimento do agronegócio realmente tem se refletido em maior renda para agentes do setor?: Publicação 2018. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opinia-o-cepea/o-crescimento-do-agronegocio-realmente-tem-se-refletido-em-maior-renda-para-agentes-do-setor.aspx>>. Acesso em: 20 mai. 2019.
- GUEVANE, Eleutério. População mundial atingiu 7,6 bilhões de habitantes. ONU News, 21 de junho 2017. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/06/1589091-populacao-mundial-atingiu-76-bilhoes-de-habitantes>> Acesso em: 18 mai. 2019.
- LEMOS, Gustavo de Lima. Sucessão Familiar no agronegócio, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkgtbs0z4IE>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- LEONE, Nilda Maria de Clodoaldo Pinto Guerra. : preparando as mudanças para garantir sobrevivência no mercado globalizado. São Paulo: Atlas, 2005.
- LOOSE, C. E.; SANDRI, E. A.; PIACENTINI, M. T. S.; PIACENTINI, A. L. S.; CRISTINA, P. Difficulties Facing Family Agriculture in Cacoal City, Rondônia/Brazil. International Journal of Advanced Engineering Research and Science, v. 6, p. 202-210, 2019.
- MENDONÇA, Kênia Fabiana Cota *et al.* Sucessão na agricultura familiar: estudo de caso sobre o destino dos jovens do alto Jequitinhonha, MG. 2008. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1292.pdf> Acesso em: 19 de maio de 2019.
- MOREIRA JUNIOR, Armando Lourenzo; BORTOLI NETO, Adelino de. Empresa familiar: um sonho realizado. São Paulo: Saraiva, 2007.
- NASCIMENTO, E. S.; FILHO, F.; PIACENTINI, A. L. S.; PIACENTINI, M. T. S.; RAMOS, E. G. Directives for Sustainability Management in the Amazon Forest Economy. International Journal of Advanced Engineering Research and Science, v. 5, p. 188-196, 2018.
- OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. Empresa familiar: como fortalecer o empreendimento e otimizar o processo sucessório. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- PENA, Rodolfo F. Alves. O que é Agronegócio?: Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescuela.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-agronegocio.htm>> Acesso em 23 de maio de 2019.
- PIACENTINI, A. L. S.; FILHO, F. S. P.; CORDOVIL, V. R. S.; FERREIRA, E.; PIACENTINI, M. T. S. Technology for Innovating the Amazon's Fish-Farming Activity. International Journal of Advanced Engineering Research and Science, v. 5, p. 10-19, 2018.

- PIACENTINI, M. T. S.; MARTINS, K. S. V. ; SOUZA, V. L. ; AZEVEDO, J. F. ; BORITZA, O. R. ; BAIOTTO, A. K. L. . Planejamento estratégico no contexto das organizações Religiosas. International Journal of Development Research, v. 10, p. 32907-32911, 2020.
- PIACENTINI, M. T. S.; WINCK, CESAR AUGUSTUS ; PIACENTINI, A. L. S. ; LOOSE, CLEBERSON ELLER ; VALE, LUCÉLIA LARGURA DO ; UCHINSKI, K. B. . Qualidade de vida no trabalho na rede estadual de ensino em rondonia, Amazonia Legal, Brasil. International Journal of Development Research, v. 9, p. 32566-32570, 2019.
- SOUZA, V. L.; RODRIGUES, L. B.; LOSSE, C. E.; PIACENTINI, M. T. S.; PICAENTINI, A. L. S. ANÁLISE ECONÔMICA DO CULTIVO DE BATATA DOCE: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE CASTANHERIAS, ESTADO DE RONDÔNIA. Revista de Administração e Negócios da Amazônia. V. 11, p 83-105, 2019.
- WARD, John. A sabedoria não convencional da empresa familiar. São Paulo, HSM Management nº. 56, maio/junho 2006.
- ZAMBERLAN, Luciano (org.). *et al* . Pesquisas em ciências sociais aplicadas. Ijuí: Ed. Unijui, 2014, 208 p.
